



'O Tempo e o Modo'

# 'Os vencidos do catolicismo' 40 anos depois

• Colóquio lembra hoje a revista fundada por Alçada Baptista e Bénard da Costa • Eram jovens, católicos, em ruptura com o regime

&gt; NUNO SIMAS

Jorge Sampaio teve o seu nome no n.º1 da revista *O Tempo e o Modo*, em Janeiro de 1963. O actual Presidente da República foi um dos líderes da crise académica de Março de 62 e escreveu, com Jorge Santos, um texto: «Em torno da Universidade». Também Mário Soares, líder histórico do PS, então um advogado empenhado na luta contra o regime, assinou um texto sobre «Oliveira Martins e a Questão do Regime».

Hoje à tarde, Sampaio pode lembrar esses idos anos 60 no colóquio organizado pelo Centro Nacional de Cultura (CNC) e Fundação Gulbenkian para assinalar o 40.º aniversário da revista fundada por António Alçada Baptista em plena ditadura de Salazar. «*O Tempo e o Modo* – Ao Encontro da Liberdade» volta a unir, como uniu antes, muitos dos que escreveram nas páginas da publicação, como lembra Guilherme d'Oliveira Martins, presidente do CNC, autor da introdução da *Antologia*, que também hoje será lançada. Outros convidados de honra na sessão comemorativa são Eduardo Lourenço e Edgar Morin, que também escreveu, e Marc-Olivier Padis.

Se na origem estiveram muitos jovens católicos, *os vencidos do catolicismo*, como lhes chamou Ruy Belo, que romperam com o regime, era clara, também,

MEMÓRIA

## Censura ao 'Hamlet' de Shakespeare...

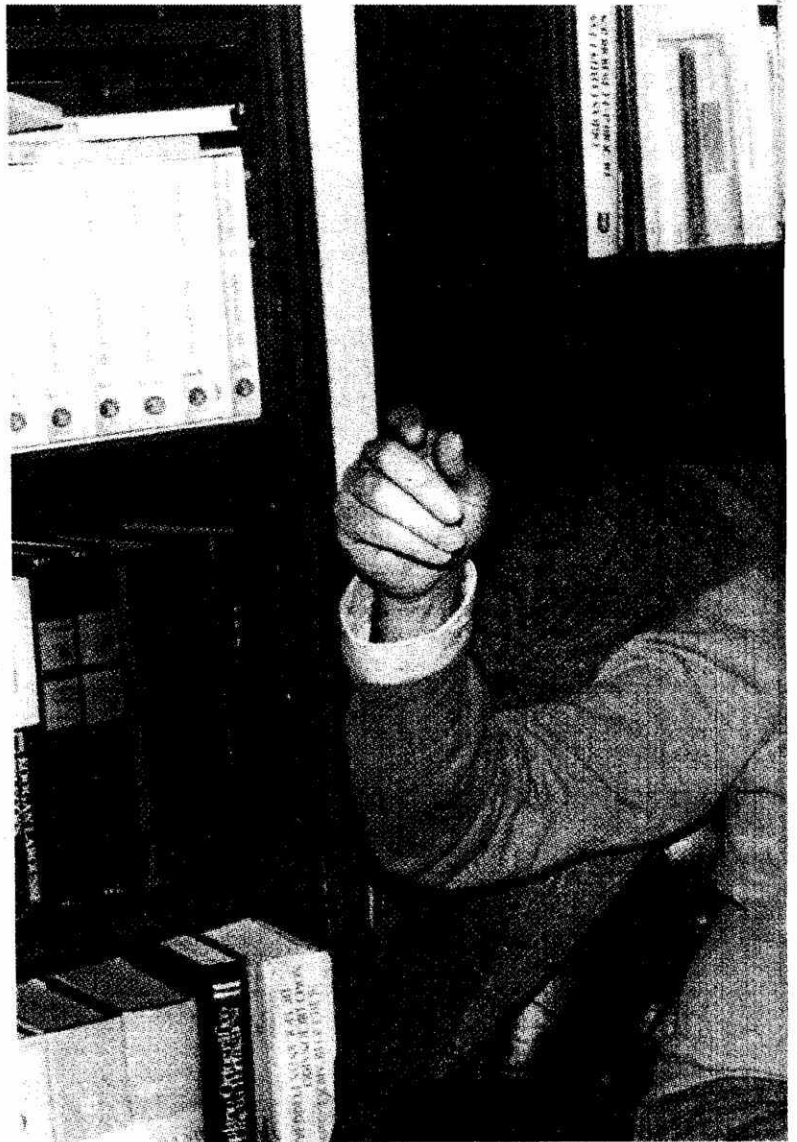
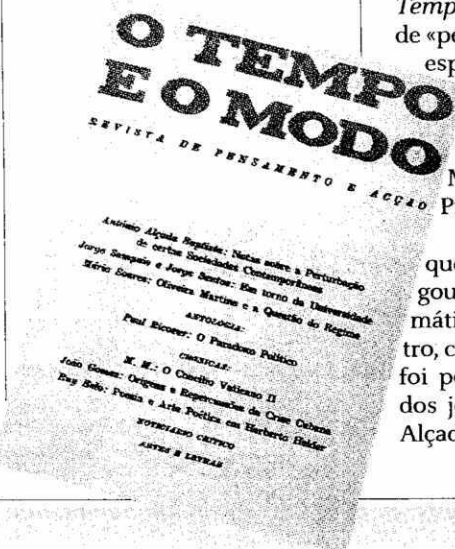
Seis mil páginas da revista *O Tempo e o Modo* foram censuradas pelo regime de Salazar e Caetano. Alguns dos artigos estavam carregados de críticas, mais ou menos directas, ao regime. Outros, nem por isso. Como a tradução de um texto de *Hamlet*, de Shakespeare, por Sophia de Mello Breyner que terminava assim: «O fantasma avança. - Pára-o! Fã-lo parar Marcelo!»

A censura pensou que era uma indirecta ao presidente do Conselho e cortou essa linha. O próprio Marcelo Caetano comentou o assunto numa conversa com Alçada Baptista: «Sabe, isto é o mal de a gente ter um nome que vem dos clássicos».

a opção pela abertura, pelo pluralismo. Assim se explica a participação de Soares e Sampaio no número inaugural. Aliás, o pluralismo era tal que, em 1969, encontravam-se na redacção vários candidatos a deputados a uma eleição que a oposição não reconheceu como válidas – José Pedro Pinto Leite, que participou na Ala Liberal, entrou nas listas da União Nacional, João Bénard da Costa concorreu pela CDE em Lisboa, e Alçada Baptista pela oposição unida em Castelo Branco. «Essa ideia pluralista foi a grande força da revista e hoje podemos celebrar os 40 anos, não como uma capelinha, mas como um sinal de abertura, liberdade que renunciou a própria democracia», disse ao DN Guilherme d'Oliveira Martins.

Tal abertura também se via nas escolhas literárias. Afinal, *O Tempo e o Modo* era uma revista de «pensamento e acção». Era um espaço de contraponto à corrente neorealista. E ali escreveram Herberto Helder, Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner, José Cardoso Pires, entre tantos outros.

A censura estava atenta ao que se escrevia. A polícia chegou a apreender um número temático sobre o casamento. Outro, com o tema «Deus o que é?», foi poupada. Rebeldes, muitos dos jovens viraram à esquerda. Alçada foi uma das excepções.



## A amante cara de Alçada na cama com os maoístas

A má consciência de uma geração de jovens católicos em processo de afastamento do regime encontrou em Alçada Baptista o seu tutor e em *O Tempo e o Modo* a porta de saída do impasse a que chegara. Em 1963, Alçada Baptista tinha 36 anos, fundara a editora Moraes e dispunha de meios para financiar a aventura. Desde cedo percebeu que, para sobreviver politicamente num ambiente submetido às influências ideológicas do regime e do PC, teria de alargar o espaço de intervenção para lá do círculo dos «vencidos do catolicismo» (na definição de Ruy Belo). Convida Mário Soares, Sal-

gado Zenha e os dirigentes da crise académica de 62. Alçada sairá em 1969, farto de crises internas e de perder dinheiro com «uma amante que lhe saíra caríssima».

João Bénard da Costa, que lhe sucedeu na direcção, fora um dos principais entusiastas do núcleo inicial da revista e seu primeiro chefe de Redacção. É ele que dinamiza a heterodoxa selecção cultural da revista. Influenciado pelos ventos do Maio de 68, acompanha a nova fase nos anos do marcelismo, até que, vencido pelos maoístas, a abandona em 1971.

Vasco Pulido Valente, que entrara logo em 1963, «em estado de

## ENTREVISTA

Guilherme d'Oliveira Martins, presidente do Centro Nacional de Cultura

# Revista teve um papel na formação da consciência democrática

&gt; N. S.

**Que importância política teve a revista *O Tempo e o Modo*?**

Teve importância fundamental porque aproveitou a dinâmica da eleição em foi candidato Humberto Delgado, em 1958, da carta do Bispo do Porto a Salazar e as suas consequências, até ao exílio de D. António Ferreira Gomes. E é nessa linha que surge *O Tempo e o Modo*, por impulso

do António Alçada Baptista, e que entendeu reunir um conjunto de jovens, sobretudo vindos do catolicismo, aberto, da oposição. E houve o aproveitamento da abertura da Igreja que teve obviamente repercussões entre nós. Em 61, já tinha começado a guerra colonial. A revista teve um papel político relevante. Não podemos esquecer que no primeiro número colaboraram Mário Soares e Jorge

Sampaio. Alçada Baptista e o grupo que estava com ele tiveram uma premonição de que era necessário preparar uma nova fase da vida política que, mais cedo ou mais tarde, sucederia ao regime. **Deste grupo poderia ter aparecido um partido democrata-cristão, como já defendeu Mário Soares?**

Quando o dr. Mário Soares participou activamente no lançamento da revista tinha essa ideia – disse-

Arquivo DN-José Carlos Carvalho

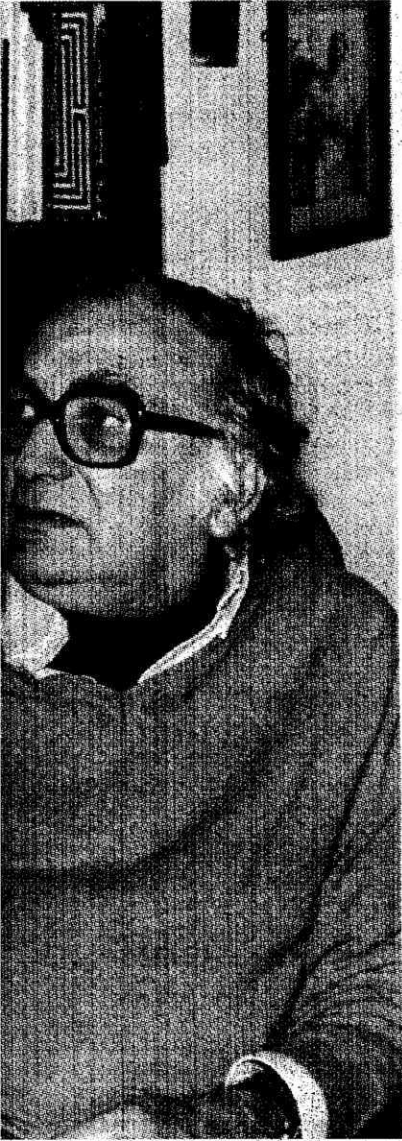


LIVRO. Oliveira Martins é um dos organizadores da 'Antologia'

o mais tarde. Seria um partido democrata-cristão, claramente democrático e de oposição. Não aconteceu porque Alçada Baptista tinha e tem uma vocação mais cultural, é um intelectual de enorme prestígio, e porque os mais jovens evoluíram para posições à esquerda. E, segundo Alçada Baptista, não houve entusiasmo da parte de partidos democratas-cristãos europeus relativamente a um movimento de oposição em Portugal. Alçada Baptista fez contactos e só teve receptividade da parte dos italianos.

**Passados estes anos, este grupo pode reclamar uma quota de responsabilidade no desgaste da ditadura?**

Arquivo DN



COMENTÁRIO

Assim se refaz a história

ÁLBANO MATOS  
Jornalista



A evocação pública dos 40 anos de *O Tempo e o Modo* resgata do esquecimento uma revista que exerceu um papel determinante na vida política e cultural portuguesa em condições particularmente difíceis. O núcleo inicial tentava sair do apertado beco para que a concorrência feroz de duas influências ideológicas com vocação hegemónica o empurrara, captando pelo caminho os aliados possíveis. As combinações eram equívocas e a revista reflectiu-as enquanto «fruto do diálogo entre os filhos incomodados da família católica portuguesa e os não católicos» (como um dia a retratou Mário Soares) ou «sinistro conluio entre a democracia cristã e a social-democracia», na versão de um Sottomayor Cardia em transição para a *Seara Nova* e o PC.

Desses equívocos (e do cristianíssimo espírito de abertura de que deram provas os fundadores da revista) nasceram sucessivos projectos, todos eles reivindicando novos caminhos e um novo olhar sobre a realidade. Ao espírito ecuménico de Alçada Baptista seguiu-se o fascínio *maísta* de João Bénard da Costa e a este o combate maoísta. As três etapas integram o património comum da revista. É, por isso, estranho que os organizadores do colóquio da Gulbenkian tenham decidido homenagear a primeira, esquecendo (ou abjurando) as restantes. Esta perspectiva redutora mostra como os «vencidos do catolicismo» se tornaram, afinal, menos tolerantes com a memória quando atingiram o ofuscante limiar do poder.

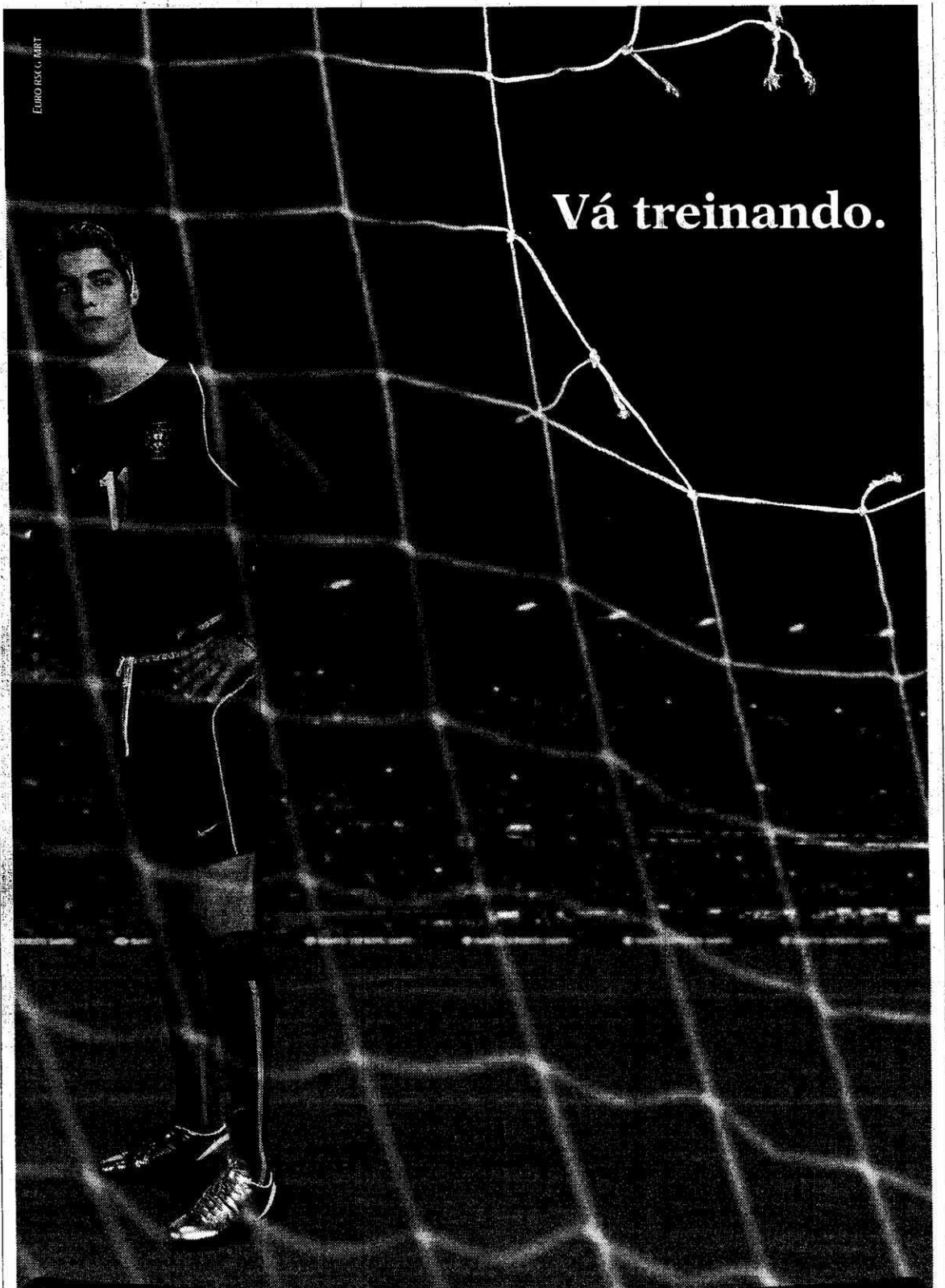
Do património de *O Tempo e o Modo* fazem parte os números especiais sobre «O Casamento» e «Deus, o que É?», Jorge de Sena e António Sérgio; mas também textos como «O caminho marítimo para a Europa», de João Martins Pereira, o polémico «Os historiadores burgueses já não andam a cavalo» (em que Sebastião Lima Rego desancou o livro de António José Saraiva sobre o Maio de 68) ou um punhado de análises de Amadeu Lopes Sabino. Muitos não se revêem hoje nas prosas sectárias de então, mas era esse o ar do tempo e eram essas as exigências radicais de uma geração que percebera os limites da «oposição civilizada» da anterior. Será isso razão bastante para as riscar desta história assim duvidosamente (re)feita?

completa inocência política e radicalmente analfabeto», foi subchefe até 1966 – confessaria mais tarde que a principal missão era «controlar» Bénard da Costa, na sua condição de «ateu de serviço». Em 1967, chegou Helena Vaz da Silva com a missão de revitalizar a revista: capa a cores, novo grafismo, edição de cadernos). Seguiu-se Amadeu Lopes Sabino, de Novembro de 1969 a Junho de 1971, numa das etapas mais ricas: a da confluência de ideologias revitalizadas com o Maio de 68 e suas sequelas lusitanas, reunidas temporariamente sob o rótulo equívoco de esquerda não reformista. A luta interna terminou com a hegemonia do MRPP. Dirigida por Martins Soares em fase de grande rigor censório e, já depois do 25 de Abril, por Guerreiro Jorge, a revista acabou sem glória em 1977.

Sem dúvida. *O Tempo e o Modo* teve um papel muito grande na formação de uma consciência democrática. A revista recebia cartas de soldados milicianos que estavam na guerra, apoiando-a, numa demonstração daquilo que era a formação dessa consciência democrática no seio das Forças Armadas e que veio permitir a criação do Movimento das Forças Armadas [que derubou o regime, a 25 de Abril de 1974].

Que legado deixou a revista?

Penso que pode resumir-se assim: a abertura cultural e um grande empenhamento na liberdade.



Vá treinando.

Use os cartões de crédito, BES, marque o Golo de Ouro e ganhe um automóvel.



Todos nós somos treinadores de bancada. Mas não é qualquer um que é titular. Agora, quanto mais utilizar os cartões de crédito do Banco Espírito Santo, mais hipóteses tem para entrar em campo. Para isso, só precisa de usar o seu cartão de crédito entre 1 de Novembro de 2003 e 31 de Janeiro de 2004. Mensalmente, com um número mínimo de três transacções e um valor acumulado de pelo menos € 50, habilita-se a ser sorteado para ir a um estádio de futebol tentar marcar um golo, a partir do meio-campo. Para tornar tudo ainda mais fácil, a baliza vai estar sem guarda-redes. Quem conseguir, de entre quatro sorteados, acertar primeiro na baliza, ganha um automóvel. Para prémio de jogo, não está nada mal.



use



marque



ganhe



BANCO ESPIRITO SANTO